

“A política nunca mais será a mesma”

O deputado federal e presidente do PMDB de Santa Catarina, Mauro Mariani, concedeu entrevista exclusiva à reportagem da **Coluna Pelo Estado** ainda embalado pelo clima da foto ao lado, feita logo depois de o Diretório Nacional do partido decidir, por aclamação, o rompimento com o governo federal. Os peemedebistas catarinenses - na foto, da esquerda para a direita, Mariani, Valdir Cobalchini, Ronaldo Benedet, Eduardo Pinho Moreira e Rogério Peninha Mendonça - tiveram papel protagonista na decisão nacional. Afinal o PMDB-SC foi o primeiro do país a determinar o desembarque do governo de Dilma Rousseff. “Aquele evento, aquela posição de Santa Catarina, acabou precipitando todos os outros acontecimentos, que culminaram com a decisão nacional pelo desembarque. Um momento importante e decisivo, no qual o PMDB catarinense foi de encontro ao sentimento de sua base que, por sua vez, traduz o sentimento da sociedade de Santa Catarina, majoritariamente contrário à nossa permanência no governo e que, em última análise, apoia o afastamento da presidenta.”



[PeloEstado] - O PMDB catarinense puxou o movimento de desembarque do PMDB nacional do governo federal. Qual a importância desse protagonismo?

Mauro Mariani - O PMDB de Santa Catarina já vinha discutindo há muito tempo essa situação. Quando nós trouxemos, na convenção nacional, a decisão do estado de pedir imediato afastamento do governo, já nos posicionávamos pelo desembarque. E imaginávamos que aconteceria o que acabou acontecendo, que o exemplo de Santa Catarina pudesse influenciar outros diretórios estaduais a seguirem na mesma direção. Naquela mesma semana outros dez diretórios se manifestaram nesse sentido. Isso propiciou que nós conseguíssemos as assinaturas de 14 diretórios pedindo a antecipação da decisão e marcando a reunião do dia 29 (de março) para o desembarque total e completo. Aquele evento, aquela posição de Santa Catarina, acabou precipitando todos os outros acontecimentos, que culminaram com a decisão nacional pelo desembarque. Um momento importante e decisivo, no qual o PMDB catarinense foi de encontro ao sentimento de sua base que, por sua vez, traduz o sentimento da sociedade de Santa Catarina, majoritariamente contrário à nossa permanência no governo e que, em última análise, apoia o afastamento da presidenta.

[PE] - Recado passado nas urnas já em 2014, uma vez que Dilma Rousseff não ganhou no estado.

Mariani - Exatamente! Simplesmente traduzimos o sentimento da sociedade catarinense. Por estarmos presentes em todos os municípios e por sermos o maior partido do estado, obviamente sofremos maior influência da sociedade e também

conseguimos traduzir mais rapidamente esse sentimento.

[PE] - Em quanto tempo o senhor imagina que vai ser concluído o processo de desembarque?

Mariani - A minha expectativa é que no máximo nesta semana ocorra a substituição de todos os ministros do PMDB e dos cargos correlatos também. O governo já sinaliza com algumas alterações e esperamos que substitua todos.

[PE] - Já se percebe o reflexo da decisão do PMDB-SC em outros partidos?

Mariani - É claramente perceptível. A bancada dos deputados federais do PP, por exemplo, na sua maioria já quer também que o PP desembarque e já tem assinaturas em maior número. Apesar do assédio do governo oferecendo o espólio do PMDB a outros partidos da base. O PSD também e da mesma forma o PR. Quero crer que essa atitude do PMDB está provocando a reflexão em outros partidos, que devem tomar a mesma decisão nos próximos dias.

[PE] - Acontecendo o desmanche da base do governo, como fica a relação do Executivo com o Congresso?

Mariani - O governo já não tem maioria no Congresso. Já perdeu sua base de sustentação. Agora está trabalhando na cooptação individual de parlamentares para assegurar os 171 votos que precisa para se manter no poder. Esse é o retrato político do Brasil hoje. O Executivo federal não tem força para aprovar nenhuma matéria e está gastando todas as suas fichas para permanecer no poder. É um governo que, se sobreviver, não terá condições de construir maioria sólida e consistente e tampouco de propor e aprovar matérias que hoje são

indispensáveis para conduzir o Brasil para fora dessa crise.

[PE] - O senhor é o único deputado catarinense na comissão que analisa o processo de impeachment da presidente. Qual o clima?

Mariani - A comissão cumpre um rito formal e tem atuação muito restrita. Ontem (quarta-feira, 30 de março), por exemplo, nós ouvimos aqueles que propuseram o impeachment e que, com argumentos muito consistentes, provaram de forma definitiva que há crime de responsabilidade e, portanto, o impeachment tem fundamentos legais para ocorrer. Agora o governo faz a sua defesa, buscando contrapor os argumentos quanto a crime de responsabilidade. Do ponto de vista prático isso não surte nenhum resultado, porque nenhum deputado vai mudar sua opinião por conta do discurso desse ou daquele. Ao longo do processo as pessoas estão formando sua opinião que, na comissão, vai ser demonstrada quando da votação do relatório. Trata-se apenas de uma formalidade, porque o voto que vai valer é o do Plenário. Ai é que teremos o resultado sobre o afastamento ou não da presidenta. Nós precisamos de 342 votos e o governo precisa, a todo custo, fazer 171. O julgamento mesmo será em Plenário.

[PE] - Qual a data prevista para isso?

Mariani - Como vai ser uma sessão muito longa, imagino que vai consumir 36 horas de debates. Deve levar de dois a três dias. Se começar numa sexta-feira vai terminar no domingo. Então, a previsão é que isso ocorra nos dias 15, 16 e 17 de abril. Cada partido terá direito a uma hora para manifestação e na hora do voto cada um dos 513 deputados terá até um minuto para justificar e fundamentar o seu voto. Vai ser uma maratona.

[PE] - O governo e quem o apoia tem insistido na teoria do golpe. A oposição diz que não é golpe. Qual sua interpretação sobre isso?

Mariani - Não é golpe porque está previsto na Constituição. Isso já foi dito por grande parte dos ministros do STF (*Supremo Tribunal Federal*). Por outro lado, o PT, que hoje diz que é golpe pedir o impeachment da presidente Dilma, pediu o impeachment do Fernando Collor, do Itamar Franco, do Fernando Henrique Cardoso... aí não era golpe e agora é golpe? Isso é uma bravata, um mantra que resolveram repetir sistematicamente. A discussão vai se dar, o processo está instaurado, o STF citou o rito, houve crime de responsabilidade claramente explicitado dentro do pedido de impeachment. Para além disso é discurso e é claro que cada um vai defender o seu ponto de vista. Os governistas, especialmente o PT, vão ameaçar, como estão ameaçando, que vão mobilizar o Brasil, que vão convocar o exército do Stédile (*João Pedro Stédile, economista e um dos fundadores do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST*). Ou seja, ameaças daqui e de lá, tentar usar a opinião pública, criar uma cortina de fumaça, falando em golpe, falando que o Michel (*Temer, vice-presidente da República e presidente nacional do PMDB*) é o chefe do golpe. Quem conhece o Michel Temer, a sua personalidade, o seu comportamento, não acré nisso. Um homem muito discreto acima de tudo, que sabe o seu lugar, um constitucionalista que se comporta como tal. Ele poderia ter atuado mais fortemente em alguns episódios que nós tivemos e até precipitado o processo do impeachment, mas, ao contrário, sempre se manteve de forma muito reservada, como é o seu perfil.

[PE] - Passado esse momen-

to, obtendo-se o impeachment, ou a renúncia...

Mariani - Ou a cassação da chapa.

[PE] - Mas isso atingiria também o Temer.

Mariani - Não tem problema nenhum. A constatação é a seguinte: esse governo acabou. Precisamos ter um governo novo, seja por impeachment, seja por cassação da chapa e nova eleição. Essa é a verdade. E esse novo governo tem que ser de salvação nacional, tem que construir uma ampla base de apoio para tirar o Brasil da pior crise da sua história. A crise que vivemos hoje é a pior da história do Brasil. É disso que nós estamos falando. Não é de partido A, B ou C, de expectativa de governo com Michel Temer. Pouco importa se vai ser o Michel o presidente ou não. O que nós precisamos é ter um novo governo no país. Um governo que tenha condições de governar, que consiga ter maioria no Congresso, que conquiste o apoio da sociedade brasileira.

[PE] - Em sua opinião, operações como a Lava-Jato devem continuar acontecendo? O país deve continuar sendo passado a limpo?

Mariani - Elas vão continuar acontecendo. Eu sempre estabeleço a relação com o que aconteceu na Itália (*operação Mãos Limpas*). Houve um impacto muito forte na economia, mas especialmente nos partidos políticos. Os quatro principais partidos políticos da Itália se acabaram depois da operação Mãos Limpas e a Lava-Jato terá consequências semelhantes aqui no Brasil. A política nunca mais será a mesma. O que é bom! Penso que a política ficará melhor, até porque aliado a isso temos uma nova legislação eleitoral, muito restritiva na questão de arrecadação de recursos. Vai mudar muito o comportamento político individual e também dos partidos.